

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS – UFAM  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE APOIO À PESQUISA  
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

OS INFAMES: UM ESTUDO SOBRE OS LOUCOS DE RUA DA  
CIDADE DE MANAUS

Bolsista: Randiza Santis Lopes, UFAM.

MANAUS  
2011

**OS INFAMES: UM ESTUDO SOBRE OS LOUCOS DE RUA DA  
CIDADE DE MANAUS**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE APOIO À PESQUISA  
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

RELATÓRIO PARCIAL

PIB – H – 0086/2010

OS INFAMES: UM ESTUDO SOBRE OS LOUCOS DE RUA DA  
CIDADE DE MANAUS

Bolsista: Randiza Santis Lopes.  
Orientador: Prof. Msc. Luiz Fernando de Souza Santos

MANAUS  
2011

## RESUMO

Trata-se de uma pesquisa que investiga a figura do “louco de rua” e sua relação com os demais na vida da cidade. Levam-se em conta as transformações do cenário urbano de Manaus, precisamente no que envolve as décadas entre 50 e 70, competindo em refletir acerca do papel do louco, como participante na construção da memória da cidade. Na medida em que o louco, compreendido como sujeito socialmente determinado, exerce certa sociabilidade com os demais habitantes no seio do espaço em que vivencia, o discurso sobre a loucura destaca-se refletido em sentido ambíguo, dado a maneira de como a imagem do louco passa a se destacar em uma relação de ausência/presença, e em consequência uma dinâmica de exclusão/inclusão do louco na vida social. A fim de compreender esta manifestação admitida no cenário urbano, tendo como evidências descrições que partem do olhar do *outro*, isto é, um olhar da razão sobre a não-razão, a natureza da pesquisa está compreendida pela abordagem qualitativa de dados. A metodologia utilizada está fundamentada através da perspectiva foucaultiana, pois tais interpretações levam em conta as condições em que o discurso sobre o louco é construído e desenvolvido na cidade de Manaus. O material utilizado na pesquisa concentra-se a partir de fontes documentais. Tais materiais foram submetidos à análise de conteúdo, com base nas orientações de Bardin (2010). Os resultados obtidos mostram as décadas de 50 e 70 carregadas pela evidência de traços comunitários fortemente arraigados. Nesta condição, embora a cidade já tenha em seu contexto a experiência da prática psiquiátrica, e, tenha nesse período um condicionante altamente significativo às novas configurações do espaço urbano, a imagem do louco na e para a cidade destaca-se notória, no sentido de que o discurso de exclusão e segregação sobre o louco, acaba por referenciá-lo, dada a maneira de como estes sujeitos vivenciam a cidade e no cotidiano desta expressam suas peculiaridades. A presença do louco reflete-se consideravelmente no imaginário social, sendo muitas das vezes associado

às próprias características da cidade, marcada pelo saudosismo da dinâmica que, de certa maneira, representava Manaus.

## SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	7
2	FUNDAMENTAÇÃO TEORICA.....	11
2.1	Fatores concernentes à compreensão da Loucura.....	11
2.2	Definindo o “outro”, o louco.....	14
2.2.2	Definição do termo “louco de rua”.....	16
2.3	Aspectos da memória social: como instrumento para uma abordagem presente.....	18
2.4	O contexto da prática psiquiátrica na cidade de Manaus.....	21
2.5	O espaço urbano de Manaus e suas transformações.....	25
3	DESENVOLVIMENTO.....	27
3.1	Campos de delimitação e procedimentos da abordagem investigativa.....	27
3.1.2	Instrumental utilizados na pesquisa.....	28
3.1.3	Procedimentos de análise.....	31
4	Percepções acerca do louco de rua.....	33
4.1	Uma abordagem através da memória.....	36
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	40
	REFERENCIAS.....	42
	CRONOGRAMA DE ATIVIDADES.....	46

## 1 INTRODUÇÃO

O cenário urbano da cidade de Manaus, a partir do que seus dados históricos apontam se apresenta como um espaço que se produz acompanhado de crises, rupturas, descontinuidades. As relações sociais nela envolvidas não deixam de refletir tais características. Neste contexto, nossas análises recaem sobre um segmento que, incorporados pelo discurso totalizante, são considerados anônimos em nossa sociedade.

A compreensão sobre loucura, a partir do que a ciência médica determina, reforça-se na produção de um discurso de verdade e poder sobre o *outro* e nesse movimento, o que se designa o *louco*, parece encerrar-se em si mesmo, isto é, uma imagem carregada apenas de um conjunto de significados que lhe explicam e o definem.

A cidade de Manaus, especialmente a partir do que as décadas entre 50 e 70 nos indicam, apresenta em seu contexto o relacionamento do louco de rua com a comunidade, em um grau de aproximação, de certa forma, sólido, no sentido em que a cidade reconhece seus loucos e com eles gera um grau de aproximação, em sua medida, intenso.

Visando assim compreender essa relação, o que se apresenta no discurso de negação sobre o louco, parece-nos entremeado de ambiguidades, pois na medida em que são sujeitos negados, invisíveis socialmente, em contraposição destacam-se como sujeitos visíveis e participantes no seio do espaço em que se fizeram presentes, traço considerado a partir do que as evidências apontam.

Impulsionados pela busca de apreender essa característica manifestada no discurso acerca da loucura, traço que se considera constituído tanto na composição deste espaço quanto no imaginário dos moradores locais, e, conseqüentemente destaca-se como parte da historicidade desta, nossa pesquisa buscou dialogar a partir da perspectiva foucaultina, por compreendermos esta abordagem a mais propícia à natureza desta pesquisa, levando-se em

conta a forma de como esta perspectiva trabalha nosso tema e pelo suporte teórico nela adquirido.

Buscamos discutir a concepção do nosso objeto de estudo através do que “A História da loucura” (2004) nos apresenta. Sendo assim, no jogo de práticas, discursos, formação dos espaços de construção do saber, do status de saber-poder conferido a tais instituições, que a loucura fora dominada pela ciência médica, e em consequência determinada como patologia por esta última.

Por conseguinte, na medida em que estes traços se espalham pelo corpo social, tornando-se discursos do cotidiano, o louco passa a conviver nesta esfera, envolvido em dimensões que se estabelecem tanto pelo poder institucionalizado que se reforça no Estado e seus instrumentos de controle dos corpos, quanto pelo poder local na condição da vida cotidiana carregar também seus mecanismos de convivência com o louco.

Ao serem resgatados traços, perfis, ou mesmo nomes, presentes nas fontes e nos registros, as histórias sobre loucos de rua da cidade de Manaus emergiam da obscuridade e formavam corpo. É neste sentido, que Foucault (1996) atribui uma característica essencial ao contexto que empregamos. Chama nossa atenção aos *homens infames*, àqueles que em sua vida, ou em parte dela, resumiram sua existência aos registros das instituições penais ou psiquiátricas, e só aparecem à luz justamente em face de sua infâmia, loucura ou desgraça. Este aspecto, sua falsa fama, que caracteriza sua existência, só tem sentido porque conflitam estruturas de poder.

Para tanto, os loucos de rua no sentido em que nos propõe Ferraz (2000), são os assim designados no seio do espaço em que vivem. Esta característica de não-institucionalização da loucura abre caminho para que ele estabeleça relações, em certa medida, sociáveis com os demais. A partir da leitura deste autor, nos fora possível delimitar o termo empregado na pesquisa ao seu contexto sócio-espacial. Não obstante, para termos referência acerca do



cotidiano da cidade, ao que toca os períodos que enfocamos, Oliveira (2003) nos proporcionou uma leitura especial sobre as contradições e crises que acompanharam o processo de produção urbanístico desta.

Para efeito, o objetivo geral que acompanhou nossa pesquisa delimitou-se em analisar a produção da representação da loucura em Manaus, bem como seus objetivos específicos foram demarcados em, investigar a figura do *louco* de rua em sua relação com as transformações do espaço urbano de Manaus das décadas de 1950 a 1970 e identificar a presença do louco na constituição da memória coletiva da cidade de Manaus.

Partimos da hipótese de que o espaço urbano abriga mecanismos para construir movimentos de resistência às imagens que nele se apresentam. Assim como, a exclusão/inclusão social do louco desenrola-se na dinâmica dos atores envolvidos nesse processo de construção.

Dada a natureza da pesquisa, o método de abordagem empregado apóia-se na abordagem qualitativa de dados. Haja vista citado, parte-se da perspectiva foucaultiana, e para análises dos dados obtidos, utilizou-se a análise de conteúdo, tendo como base as orientações de Bardin (2010).

Atentos a literatura produzida sobre a loucura na cidade de Manaus está é uma temática pouco discutida no âmbito da produção local. Refletirmos acerca do relacionamento entre o louco de rua e os demais moradores deu-se tanto como um impulso marcado em apreender os impactos que a relações no espaço urbano oferecem à presença do louco, quanto à maneira de evidenciar esta face pouco manifestada da cidade, fundamentalmente como forma de contribuir para refletirmos sobre o papel do louco em nossa atual sociedade.

Frisa-se que os dados coletados partem, necessariamente, da visão do *outro*. Nessa relação de alteridade em que se descreve o louco é que amparamos o que dessa relação se produz.

Com efeito, apreender personagens do passado, por meio de dados tanto do passado quanto dos que se desenrolam no presente, isto é, recorrer à memória como instrumento e suporte do processamento de lembrança acerca destes sujeitos, dado o modo de como descrevem o louco, a cidade, o saudosismo deste movimento, que mesmo tomado pelos efeitos da modernização não deixavam de manter certa flexibilidade com seus atores sociais, foram elementos que configuraram o sustentáculo para a discussão posta na pesquisa.

É neste sentido que nos interessou investigar os loucos de rua da cidade de Manaus tendo como delimitação as décadas entre 50 e 70, a fim de refletir e contribuir para possíveis e novas discussões acerca do tema tratado.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 2.1 Fatores concernentes à compreensão da Loucura

Segundo Birman (1989 *apud* FERRAZ, 2000, p. 29) a aceção de loucura abrange todas as experiências que representem uma ruptura com o universo da razão. Passos (2005) destaca que é vão buscar uma definição geral para a loucura, pois ela é definida ou distinguida a cada vez segundo os pressupostos da perspectiva que a distingue. Foucault (*apud* PASSOS; BEATO, 2003, v. 7, p. 138-139) nos indica o termo loucura, como desprovido de uma essência semântica universal. Segundo Foucault (2009, p. 36) a unidade do objeto loucura não nos permite individualizar um conjunto de enunciados e estabelecer entre eles uma relação, ao mesmo tempo, descritível e constante.

Foucault em suas considerações sobre a loucura nos mostra que a loucura é caracterizada por uma ausência explicativa de si mesma, e que as suas definições ou tentativas de invenções de suas verdades variaram de acordo com as elaborações da ciência, da moral e do direito. Dessa forma, aponta que o que existe são experiências de loucura, e que se o louco pode ser imediatamente indicado, a loucura possui sempre algo que escapa as definições daqueles que apontam quem são os loucos. (CHAVES, 2006, p. 7)

Tendo em vista o exposto, necessário se faz voltar nossa atenção, de modo breve, a algumas características fundamentais que acompanham a concepção de loucura e o modo de como foi absorvida pela ciência médica, tornando-se discurso de verdade e poder sobre o *outro*, constituindo mecanismos e técnicas que justifiquem sua ação.

Conforme nos apresenta Foucault (2004, p. 120), ainda no começo da idade clássica a loucura era vista como pertencendo às quimeras do mundo, se podia viver no meio delas e só seria separada no caso de tomar formas extremas ou perigosas. Interpretava-se como uma manifestação no espírito. Deste modo e pela maneira de como se apossava do espírito humano, o fazendo desligar-se do mundo e da vida social, definia-se como alienação mental.

Na medida em que a loucura começa apresentar certa inquietude, evidenciando uma espécie de crítica ao mundo, isto é, começa a ser destacada em um “variável número de

vícios e defeitos que arrasta todos em sua “complacência secreta” (FOUCAULT, 2004, p. 14), sua manifestação demonstrava qualquer forma de desacato à moral e como método de supressão destes, reforçava-se a necessidade do afastamento, banimento, fundamentalmente porque tais manifestações refletiam o lado humano incerto das escolhas; inverso ao juízo comum.

Assinala-se, que a atenção redobrada em distanciar esses efeitos volta-se quando começa a ser abarcado um número maior de representações e formas da loucura, sejam identificadas nos atos humanos ou tendo suas representações expressadas na literatura, pintura, teatro. Interpretava-se como a “ligação do homem à suas fraquezas, seus sonhos” (FOUCAULT, 2004, p. 24).

Dentre tais aspectos uma das características que mais acompanham o trajeto de compreensão da loucura encontra-se na presença dos espaços reservados à cura da mente, da alma, do espírito. Em parte, fica clara a preocupação do homem em dar respostas às formas que apresentavam alguma espécie de inquietação social. Neste sentido, é possível objetar que em toda época sempre houve do mesmo modo, uma dupla apreensão da loucura: uma, moral, sobre um fundo do razoável; outra, objetiva e médica, sobre um fundo de racionalidade (FOUCAULT, 2004, p. 184).

À luz das ciências positivas, das verdades constatáveis, dos locais de produção do saber <sup>1</sup>, a prática do internamento convém a respostas necessárias ao que se apresenta irregular. O hospital enquanto espaço de intervenção, compreende essa necessidade. Dentre esta perspectiva, compreender a loucura enquanto anormalidade e somar essa característica à

---

<sup>1</sup> A experimentação, a produção dos fenômenos, a aparelhagem do laboratório para a constatação do acontecimento da verdade são características que marcam os últimos anos do século XIII, “quando no elemento da verdade constatada por instrumentos possuidores de função universal, a química e a eletricidade permitiram que fenômenos fossem produzidos (FOUCAULT, 2006, p. 117). Neste contexto, o surgimento do hospital, compara-se a tais condições, pois se apresenta como laboratório para compreensão da doença, uma vez que, sua ação direta sobre esta não só lhe permitia revelar a sua verdade aos olhos do médico, mas também produzi-la. Este traço marca o desenvolvimento do espaço hospitalar enquanto produção de saber e poder na formação do pensamento ocidental.

prática do internamento, não responderia em totalidade o modo de como a ciência médica delimitou-a, construindo um discurso que se vê impregnado em nossa sociedade, justificando-a como doença.

De acordo com Canguilhem (2006), o sentido de normalidade corresponde a um critério de normatividade. Ou seja, o normal só é reconhecido enquanto tal, pois segue um padrão, leis, regras e atribuições que no caso da vida social, não são compreendidos como naturais, dada a maneira de como a vida social diferencia-se da orgânica. Este autor, completa que o patológico é compreendido enquanto variação dessa normalidade. O patológico não é o anormal, ainda sim é um tipo normal, porém normal diferente. Para tanto, “assim como a doença não é a perda completa da saúde, do mesmo modo a loucura não é “perda abstrata da razão”, mas “contradição na razão que ainda existe” (FOUCAULT, 2004, p. 513).

Entre o normal e o anormal prevalece o princípio de exclusão, cujo alguma categoria deve ser negada para que a outra possa se afirmar, não obstante, os espaços destinados ao tratamento e cura do sujeito anormal, representam esse critério de segregação, posto o distanciamento que representam entre o louco e o não-louco. Assim especificado, o significado da “loucura só tem sentido e valor no próprio campo da razão. Esta última delimita-a, toma consciência dela e pode situá-la” (FOUCAULT, 2004, p. 33-34).

Nesse contexto, “a loucura é um problema, inseparável da questão colocada pelo homem sobre a sua identidade, é no que ele se diz ser, dependendo da imagem ideal que faz de si” (MANNONI *apud* FRAYZE-PEREIRA, 1984, p.13). Deste modo, a concepção teórica sobre loucura como condicionante de sentido explicativo, revela-se presente assim na diversidade das práticas discursivas o que, no entanto, distinta da concepção de loucura que justifica o indivíduo um doente mental, vê-se como “um evento prenhe de sentido sócio-

historicamente construído, portanto não necessário ou não fixável em um conteúdo universal” (PASSOS, 2005).

## 2.2 Definindo o “outro”, o louco

A evidência do “este aqui é o louco”, que não admite contestação possível, não se baseia em nenhum domínio teórico sobre o que seja a loucura (FOUCAULT, 2004, p. 187). Frayze-Pereira (1984, p. 8), assinala que “na fala cotidiana (ou no discurso científico), são-lhe emprestadas tantas vestes que ela se mostra a nós, disfarçada de certa maneira”. Essa alteridade, que se apóia na base perceptiva, e que por sua vez carrega sempre a possibilidade de reafirmação da razão, “afirma o louco é o *outro* – no sentido da exceção – entre os outros – no sentido universal; seu perfil se destaca sobre o espaço exterior, e o relacionamento que o define entrega-o totalmente, através do jogo das comparações objetivas; ao olhar do sujeito razoável” (FOUCAULT, 2004, p. 185).

A interessante “Nau dos Loucos”<sup>2</sup> que Foucault (2004) nos apresenta, cujas características se destacam no ritual de expulsão como resposta ao incômodo dos loucos na cidade, o processo de internação<sup>3</sup> que implica em toda e qualquer característica que represente uma afronta à moral, toda sensibilidade social que se constrói ao redor deste personagem, por vezes surpreendido mais como assunto de polícia do que médico revela o espaço de confinamento reservado ao louco moldado sobre toda uma carga de fatos

---

<sup>2</sup> A Nau parte de uma composição literária, em que modelos éticos ou tipos sociais, embarcam para uma grande viagem simbólica que lhes traz, senão a fortuna, pelo menos a figura de seus destinos ou suas verdades. Entretanto, ao que indica Foucault (2004) a *Narrenschiff* ou *Navio dos Loucos*, foi a única que teve existência real. Caracterizado por um barco, estes que levavam sua carga insana de uma cidade para outra, simbolizavam assim, tanto medida geral de expurgo que as municipalidades faziam incidir sobre os loucos em estado de vagabundagem quanto uma espécie de *Naus* de peregrinação de insanos em busca da razão, uma vez que, antes mesmo que se construam casas especiais para eles, são recebidos nos hospitais e tratados como loucos (p. 10)

<sup>3</sup> O século XVII é marcado pelo período da “grande internação”. No que respeita este processo, tais casas abrigam em especial a população pobre. Fato que representava a limpeza e higienização das cidades, eliminando todo e qualquer tipo de característica a-social.

descontínuos, onde relações se formam e se apóiam para decidir, justificar, e julgar este *outro*.

Em meio a esta carga de fatos descontínuos que acompanham a imagem do louco, como regra geral, este último é excluído da sociedade, segregado e coagido a permanecer enclausurado no manicômio (BESSA, 1995), esta exclusão “por excelência” é fato que haja vista acompanha a institucionalização da loucura. Todavia, na medida em que essa exclusão e segregação emergem de forma legal, na vida social, ao louco confere um conjunto de significados, atribuições e linguagens que em parte condicionam a continuação de todo o “ritual” de segregação a que lhe comporta.

Importante neste diálogo é observar o que Foucault designa micro-poder. Necessariamente porque no âmago destas relações legais que se constroem, revelando verdade e poder sobre as condições humanas, o que se apresenta para suportar o ritual de exclusão que ao louco confere, pode ser melhor evidenciado pela extensão deste poder à forma mais íntima da vida social. Compreendendo assim,

[...] a mecânica do poder se expande por toda sociedade, assumindo as formas mais regionais e concretas, investindo em instituições, tomando corpo em técnicas de dominação, poder este, que intervêm materialmente, atingindo a realidade mais concreta dos indivíduos – o seu corpo – e que se situa ao nível do próprio corpo social, e não acima dele, penetrando na vida cotidiana e por isso podendo ser caracterizado como micro-poder ou sub-poder. (2006, p. XII)

Esta concepção torna-se fundamental para pensarmos que, se outrora o louco ocupava um lugar de honra <sup>4</sup>, não é somente na institucionalização que se vê refletido o valor e o sentido de sua exclusão, mas também como fator articulado à forma mais abrangente que lhe rodeia, afinal na medida o grupo social afirma e identificam seus loucos, essa primeira afirmação já é detentora de reafirmação da não-loucura sobre a loucura.

---

<sup>4</sup> No Renascimento, a loucura ocupa um lugar de honra: é uma experiência na área da linguagem, uma experiência na qual o homem se enfrentava e a sua verdade moral, pelas normas próprias de sua natureza e sua verdade (LECHTE, 1996).

### 2. 2. 2 Definição do termo “louco de rua”

Ferraz na proposta de uma abordagem teórica sobre o significado atribuído ao louco em meio às transformações concernentes ao espaço em que vivencia, possibilita concentrar nossa reflexão sobre a “presença” do louco no espaço da cidade, sob as seguintes características:

Para ser classificado como um "louco de rua" faz-se necessário, naturalmente, que um indivíduo preencha dois requisitos: ser "louco" e ser "de rua." É assim, então, que tais pessoas podem ser pensadas como "personagens do teatro do mundo," cuja loucura se encena no palco da cidade, em praça pública. Para que estas condições sejam preenchidas, este louco, evidentemente, será o louco "solto," não institucionalizado, aquele que escapou da psiquiatria, da medicalização e do hospício. [...] Na maioria das vezes, ainda que haja exceções, sua loucura se acrescenta à mendicância e à perambulação, circunscritas a limites que podem ser os da cidade ou uma parte dela [...]. (2000, p. 112)

Nesta perspectiva, a característica do louco de rua tem seu perfil marcado pela itinerância no espaço da cidade. Sob esta ótica, Ferraz não nos deixa de salientar uma fundamental consideração a respeito desta definição. O louco não se trata de uma entidade cientificamente demonstrável. Defini-lo, traduz a descrição de sua imagem aonde ela caracteristicamente se expressa.

Com efeito, enquanto sujeito errante e dada sua característica peculiar, o louco marca os trajetos das ruas da cidade e a partir deste espaço, que carrega os mais variados traços simbólicos e lingüísticos, seu perfil pode ser construído e, de certo modo, apreendido.

De acordo com Silva (2010, p. 253) a cidade pode ser caracterizada,

[...] mais que cenário, a cidade é o centro aglutinador de um complexo conjunto de relações sociais que definem, para os atores, múltiplos e fragmentados papéis, que têm suas regras e instituições que as regulam, estabelecendo valores, padrões de conduta, rotinas e formas de etiqueta social para os moradores urbanos.

Assim entendida, dado o modo de como a paisagem urbana e seus variados atores sociais nela se articulam, seu movimento produz uma dinâmica social que lhe dá sentido próprio. Neste espaço, a designação conferida a um louco de rua segue um critério popular, o



que, evidentemente varia conforme a identidade cultural que esta comporta. Neste contexto, o louco, doido ou maluco é aquele assim designado no seio de sua comunidade.

A rua compreendida enquanto “lugar de encontro, sem o qual não existem outros encontros possíveis nos lugares determinados, nela efetua-se o movimento, a mistura, sem os quais não há vida urbana” (LEFEBVRE, 1999, p. 9). Esta dinâmica marca o modo de como este espaço produz efeitos na dimensão da vida cotidiana.

Neste contexto, a rua possibilita a proximidade, em certo nível, do louco com os demais transeuntes fazendo assimilar trajetos que preenchem a vida da cidade. Seu estado “livre” lhe permite assim, reforçar uma espécie de “imagem pública”, dado o fato de sua circulação sobrepor-se perceptivamente em muitos indivíduos. Lynch (1999) ao definir os elementos da cidade, aponta o significado desta configuração em imagem pública no sentido de correspondência às figuras mentais comuns, que um grande número de habitantes de uma cidade possui cujo aparecimento pode ser verificado na interação de uma realidade física única, uma cultura comum e uma natureza psicológica básica.

O espaço da cidade também carrega traços inerentes à figura do louco. A reação que este provoca envolve-se em uma espécie de “ritual” em que gestualidade, códigos e uma linguagem indicativa, sejam para referenciá-lo ou para expulsá-lo, lhe é atribuída. Na esteira deste pensamento, o posicionamento que Berger e Luckmann nos apresentam acerca da constante interação da vida cotidiana, reforça nossa concepção acerca deste conjunto de expressões que sinalizam a interação com o louco, pois “a realidade da vida cotidiana, mantém-se pelo fato de corporifica-se em rotinas, o que é a essência da institucionalização” (1985, p, 198).

Ressalta-se, que interpretamos a presença do louco como “figura”, “imagem” ou “personagem” necessariamente por sua presença na paisagem social urbana tornar-se

marcante “exatamente pelo seu desvario” (FERRAZ, 2000, p. 381), ademais, esta condição reflete os sentidos que acompanham seus traços.

Laplantine (1997) considera que a imagem é formada a partir de um apoio real na percepção e que no imaginário este estímulo perceptual é transfigurado e deslocado, condição que cria novas relações inexistentes no real. Esta reflexão nos permite evidenciar um dos aspectos fundamentais deste estudo, que é o modo de como o louco abriga um espaço em particular na memória popular, penetrando assim, no imaginário social, e caracterizando uma espécie de resistência na memória social.

Defini-lo com base nas abordagens e no que as evidências apontam, sendo um exclusivo social, sua característica peculiar preserva uma espécie de inclusão social, mesmo que diferenciada, elemento que possibilita por sua vez inferências possíveis para se apreender a resistência de sujeitos compreendidos enquanto figuras anônimas.

### **2.3 Aspectos da memória social: como instrumento para uma abordagem presente**

Segundo Halbwachs (1990, p. 53) a memória individual para confirmar algumas de suas lembranças, para precisá-las e mesmo, para cobrir algumas de suas lacunas, apóia-se sobre a memória coletiva, esta definição reflete especialmente o que os grupos produzem sobre si. Neste sentido, a memória individual funciona como engrenagem para manutenção da identidade do grupo, assegurando sua continuidade no tempo e no espaço.

Em breves traços, poderíamos tecer uma discussão sobre a presença do louco na memória da cidade, levando em consideração os pressupostos orientados pela abordagem da corrente sociológica tradicional, percebendo relativamente como nossa sociedade lembra ou relembra seus loucos.

Nesta discussão identificaríamos uma condição fundamental, pois haja vista citado esta ação expressa bem a identidade que um grupo formula e constrói sobre si, e, conseqüentemente àqueles que seu meio compõe. Fazendo uma breve indicação aos apontamentos de Ferraz ao significar o conceito de memória trabalhado por Halbwachs, a estrutura mencionada pode ser compreendida ao que se segue.

A memória coletiva, como propõe Halbwachs, remete ao tratamento de uma identidade coletiva das lembranças e dos ideais guardados por um grupo. Memória coletiva é algo subjetivo e implica compromissos fiados ao longo de um passado comum e que persiste independentemente de registros escritos, de momento ou qualquer outra referência objetiva, material (HALBAWACHS *apud* FERRAZ, 2000, p. 153).

Damos ressalva a estes aspectos, pois colocamos em pauta a presença de sujeitos inteiramente estigmatizados.

As análises de Peralta (2007, p. 10), em contrapartida, apontam a construção da memória como um processo negociado entre diversos atores sociais, sendo sua natureza eminentemente conflitual e em constante transformação. Deste modo, a memória enquanto fenômeno social pode ser entendida não somente pelo seu caráter instrumental de recordações coletivas, mas também como uma produção de relações em que variados fatores articulam-se e a compõem. Nesta perspectiva, a memória social não pode ser refletida apenas como estratégia de um grupo ou poder dominante, mas como um jogo de relações em que memória popular e memória oficial se articulam. (PERALTA, 2007)

É por este traço característico que Benjamin (1987 *apud* BORELLI, 1992, p. 87) nos abre uma importante discussão para refletirmos o contexto da memória social, no sentido de pensarmos como é possível atribuir sentido no presente, a fatos, acontecimentos e personagens que a história oficial jamais documentou. Neste contexto, as versões do passado que não aderem às representações oficiais, abrigam na memória popular sua condição de resistência.

Contrapondo à ordem da memória oficial, a concepção de “popular” alinha-se, em certa medida, à definição de contra-memória, cujo Foucault (1977 *apud* MISZTAL, 2009, p. 77, tradução nossa) define como uma força política do povo que está marginalizado pelo discurso universal.

Assim o processo memorizador apresenta-se como característica inerente às relações sociais. A memória sendo concebida desta forma revela-se com um “instrumento decisivamente socializador” (BOSI, 1994, p. 56) e nesta qualidade podemos pensar na memória não como “uma produção de experiências passadas, mas como um processo” (SÁ, 2006).

Sendo este o ponto sinalizador, os rebatimentos que se dão entre os discursos oficiais e não oficiais no processo memorizador, bem como nos indica Foucault (1980 *apud* SANTOS, p. 1993), pode ser apreendido não como algo revestido de certa neutralidade, mas algo que, sobretudo encontra-se acompanhado fundamentalmente por uma relação de dominação e poder.

Assim sendo, recordar experiências passadas, reconstruí-las ou mesmo expressá-las como fator caracteristicamente comum de nosso meio, abriga um conjunto de traços que podem ser melhor visualizados nas descontinuidade presentes sejam nos discursos, práticas ou instituições sociais, dado o fato de todas estas construções carregarem consigo uma plano que se elabora e remonta expressando uma finalidade lógica.

É nesta perspectiva, que ao relacionarmos a presença do louco na e para a cidade, especialmente como parte integrante do imaginário que se produz nesta, se apresenta uma condição de poder, que através de tudo, emerge colado às expressões um tanto marginais revelando-se assim, de certa forma apagada, mais que é resultado de uma espécie de resistência a uma ordem estabelecida.

Dado este traço, na medida em que se desdobram um conjunto de elementos que dão suporte à construção de uma memória popular, a contra-memória julga-se como um movimento de persistência, na medida em que “confronta” o discurso oficial e dominante, convertendo brechas para resistência destes segmentos marginalizados pelo discurso totalizante.

## **2. 4 O contexto da prática psiquiátrica na cidade de Manaus**

Alguns aspectos históricos, geográficos e sociais concernentes a política de criação do espaço de reclusão destinado aos loucos na cidade de Manaus, merecem aqui ser citados.

A cidade de Manaus fora projetada no plano urbanístico para atender, em específico, exigências econômicas e sociais da época <sup>5</sup>. Em vista da necessidade de sua adequação aos aspectos de cidade civilizada e modernizadora, a emergência de adequar-se à sua nova função, não difere do contexto do processo de criação das cidades, no que respeita o processo de higienização e sanitização. Conforme destaca Dias (2007, p. 28).

A cidade, antes espaço comum, modifica-se e estratifica-se segundo uma nova configuração: a de classe. Para tal, vai adequando-se a uma função social nova. A modernidade traria um novo estilo de vida e de grandes transformações, não só materiais, como também espirituais e culturais.

No entanto, destaca-se em especial que depois que a cidade deixa de ser ponto forte da economia, o planejamento de políticas públicas tornam-se esquecidos pelos governantes locais. <sup>6</sup>

---

<sup>5</sup> Interessante observar o que nos aponta Dias (2007, p. 27-28) sobre o contexto da cidade, antes de ser admitida no discurso da elite local como a Paris dos Trópicos. “Antes do apogeu da borracha, na área urbana de Manaus, conviviam ricos e pobres, brancos e índios, mamelucos e mestiços. [...] Sólidos edifícios em estilo europeu, primitivas casas tapuias de barro, ora rua, ora igarapé [...]. A partir do final do século XIX, a cidade sofre seu primeiro grande surto de urbanização, em vista dos investimentos propiciados pela economia agrária extrativista-exportadora – economia do látex. O que, portanto, estratifica e modifica a cidade, suscitando assim a idéia de modernidade, civilização e progresso para o Amazonas.

<sup>6</sup> Filho (2000, p. 141) destaca que as riquezas produzidas pelas atividades da economia gomífera permaneceram, tal como chegaram ao Amazonas, concentradas nas mãos dos estrangeiros. Neste sentido, todo investimento para a produção urbanística da cidade, vê-se relegado à dependência, e o significado que a queda da exportação da borracha ocasionou, resultou na estagnação de diversos projetos de reformas da

Para tanto, a criação dos espaços de reclusão definidas pelo poder público desta, acompanham a urgência de sua inserção no contexto de cidade modernizada e civilizadora. Para os marginalizados do processo produtivo, o poder público desenvolveu uma política de reclusão em ambientes afastados e fechados, tais como: penitenciárias, hospitais, asilos de mendicidade, hospício e colônias agrícolas (DIAS, 2007, p. 121).

O que se ressalta num primeiro momento para compreendermos a criação do hospício, é que a fundação da Santa Casa de Misericórdia (1880) destaca-se neste processo, pois articulada à sua administração e identificado como um de seus patrimônios está o Hospital de Alienados Eduardo Ribeiro.

Em seu estatuto esta instituição tem duas finalidades: atender seus sócios e aos indigentes (pobres não sócios). É o primeiro hospital de Manaus. No entanto, esta casa de saúde que surge como uma máquina de curar, na última década do Império, se transforma em um hospital geral, no sentido que Foucault dá ao termo na História da Loucura e na Microfísica do Poder, esta se transforma em uma casa de confinamento, [...] funcionando primeiramente como depósito de leprosos, loucos e de tuberculosos, já na Província. (NASCIMENTO, 2000)

Dentre tais estratégias de segregação, Dias (2007, p. 122) aponta que para a construção dos Asilos dos Alienados, foi escolhido um lugar tão afastado do centro da cidade, que a demora na conclusão da obra era justificada pela distância e dificuldade do transporte do material de construção e de pessoal. Galvão (1998) destaca que é então a partir de 1894, que o governador Eduardo Ribeiro removeu-os, provisoriamente, para um prédio situado às margens esquerda do rio Negro “quando então oficialmente é criado o Asilo de Alienados pela lei n. 65, de 3 de outubro de 1894”.

Nesse contexto, a fundação do asilo marca a inserção da cidade no discurso da prática psiquiátrica e, de certa forma, parece destacar a atenção e preocupação do Estado para com a saúde mental. Todavia, o que a historiografia oficial nos revela acerca das ações internas a

---

cidade. Como assinala Dias (2007, p. 52) “é uma constante, a partir de 1913, a alegação da falta de recursos para a continuidade das obras de melhoramentos da cidade [...] uma vez que maior parcela dos planos de urbanização e embelezamento desta, dependem de empréstimos externos”.

respeito deste espaço, define o hospício da cidade bem distante da definição de hospital, sendo assim comparado mais próximo “a uma estrutura semi-jurídica que, ao lado dos poderes já constituídos, e além dos tribunais, decide, julga e executa” (FOUCAULT, 2004, p. 50).

Já no início do século XX, “aos guardas rondantes da cidade, cabia levar à presença da autoridade, para conhecimento do fato, todos os elementos que fossem encontrados em estado de embriagues ou alienação mental” (DIAS, 2007, p. 131). Com efeito, observa-se que “a fundação do hospício [...] é inseparável da criação e do processo de higienização desta, e nesse processo é que o louco perde sua cidadania” (NASCIMENTO *apud* GALVÃO, 1998, p. 175). Dentre estes traços primeiros, cabe destacar, em breves linhas, os demais aspectos que assinalam o contexto da prática psiquiátrica na cidade de Manaus no início do século XX.

Por volta de 1898, o Asilo dos Alienados virou um depósito desumano de loucos, quando então, o Estado arrendou do Sr. Miranda Leão uma Chácara denominada ‘Cruzeiro’, onde passaria a funcionar o novo asilo, desde o dia 18 de fevereiro de 1898 até 1926. A administração do asilo é desanexada da Santa Casa em 1913, necessariamente em certa medida, pois indiretamente continuava articulando-se a esta. Ainda por volta de 1921, o provedor da Santa Casa denuncia as condições degradantes em que viviam os loucos na Chácara ‘Cruzeiro’, este mesmo reivindica a transferência dos loucos para o Asilo de Mendicidade de Flores.

Ao ser acatada a reivindicação, o Asilo dos Alienados é transferido para o Asilo de Mendicidade de Flores onde recebe nova denominação – Colônia de Alienados Eduardo Ribeiro (1926). As localizações demarcam em específico os limites urbanos da cidade, o que

geograficamente, situava-se nos limites norte desta.<sup>7</sup> A nomenclatura do então determinado “colônia” ou “asilo” de alienados, a partir do ano de 1928 sofre nova alteração, passando a ser reconhecida como Hospício Eduardo Ribeiro, tendo em seu funcionamento o espaço de colônia e hospital. Até o final dos anos 60 permaneceu nesta localidade.

No que respeita a organização clínica desta instituição, Nascimento (1998 *apud* GALVÃO, 2003, p. 175) nos aponta uma característica interessante, pois a cargo do hospital à sua frente encontrava-se apenas um clínico geral, contando os demais com enfermeiros, cozinheiros e irmãs de caridades.<sup>8</sup> Dada realidade, acompanhou o hospital até fins da década de 50, sendo somente a partir da década de 60 que se pode visualizar um número de maiores mudanças ocorrido não somente nas condições organizacionais do hospício como também do próprio discurso por ele apresentado.

Este traço deu-se presente mediante exigências alavancadas pelo gestor Luiz da Silva Fernandes nos períodos de 1967 a 1971, e pode ser melhor visualizado ao que nos destaca os relatórios anuais apresentados à Secretaria de Estado de Saúde do Amazonas:

Orientamo-nos num único sentido, dar condições materiais humanas, a fim de permitir consequentemente, a adaptação dos enfermos ao meio hospitalar, para auferir os benefícios terapêuticos, sem o grande impacto causado pelo meio ambiente; outrossim, permitir condições funcionais hospitalares básicas para a instalação adequada e o bom atendimento dos diferentes setores. (FERNANDES, 1971)

Em meio a tais reformas impulsionadas, Casado (2009) completa que por volta do ano de 1979 a Colônia de Alienados já havia se transformado no Hospital Colônia Eduardo Ribeiro. Todavia, dentre estes aspectos mencionado, não deixamos de salientar que no que respeita seu movimento interno, esta instituição não deixou de refletir seus mesmos valores

---

<sup>7</sup> Até meados do século XIX, antes da expansão dos limites da cidade, esta se concentrava em três zonas territoriais, compreendendo a zona central os segmentos mais ricos da cidade, a zona urbana e zona suburbana, às concentrações periféricas. Em específico, o local destinado ao asilo compete estas últimas zonas.

<sup>8</sup> “É um fato escandalosamente intrigante que esta casa de confinamento e extermínio de loucos seja um hospício e esteja destinada ao tratamento de alienados tendo à sua frente um clínico geral, pois sua construção se dá no final do século XIX, do século dos asilos, século da fundação da psiquiatria como ciência médica” (NASCIMENTO 1998 *apud* GALVÃO 2003, p. 175). Interessante ressaltar tal característica, em face da contradição que a acompanha.



com o passar das décadas. Este dado tem sua maior afirmação, pelos registros de denúncias que acompanham a instituição já no final da década de 70 e início da década de 80, identificando as “condições de higiene e a maneira indevida de como eram tratados os pacientes” (CASADO, 2009).

Frente às condições que impulsionaram tanto à construção do hospital-hospício quanto ao próprio modo de sua manutenção, conhecer estes traços é um fator que nos permite refletir o contexto do qual a fundação do asilo atende e, por conseguinte, as condições sobre a qual o discurso sobre a loucura em Manaus se constituiu.

## **2. 5 O espaço urbano de Manaus e suas transformações**

Para compreendermos as transformações que acompanharam a cidade de Manaus entre as décadas de 50 e 70, torna-se necessário destacarmos os pontos que de maior relevância influíram neste processo.

Reflexo das condições outrora, produzidas pelos movimentos de ascensão e crise da economia gomífera, a década de 50 em Manaus seguia acompanhada de um conjunto de transformações que, pelo menos do ponto de vista social, refletiam o modo desordenado de como esta se produzia. Neste contexto, a formulação do espaço urbano seguia ao ritmo da necessidade de criar condições para a circulação da atividade econômica.

Oliveira (2003, p. 64) frisa que de modo concreto, “a construção de pontes, arruamento dos bairros, sendo, entretanto, marcada pela improvisação que visava à resolução de problemas pontuais, não se identificava em nenhum momento a formulação de um projeto urbano”. Toda esta atenção voltava-se a uma demanda externa que consistia na inserção do Estado do Amazonas em programas de cunho desenvolvimentista, bem ao caráter da política que se constituía no país – o Populismo.

Na medida em que se construía uma relação de necessidades, em que a ampliação da malha urbana e a expectativa de integrá-la à produção econômica nacional se justificavam ao nível do discurso desenvolvimentista e integralista, surgem novos fatores condicionantes que, em sua medida, tornaram-se marco significativo para as modificações ocorridas em Manaus.

No contexto da década de 60,

a estrutura produtiva de todos os estados da região Norte era formada, predominantemente, por uma agricultura extrativista e complementada por uma indústria incipiente de produtos tradicionais (alimentação, têxtil e madeira) (SILVA, M., 2009).

As estratégias então implementadas para aceleração da política econômica se justificavam, em consequente, baseadas em um “projeto geopolítico e de desenvolvimento”. “O primeiro destinado a refazer e reforçar os laços da região com o conjunto do país, e o segundo, destinado a abrir a Amazônia ao desenvolvimento extensivo do capital” (OLIVEIRA, 2003, p. 68). É nesse contexto que se implanta a Zona Franca de Manaus (1967) cujos traços mais significativos refletiram na modificação da paisagem urbana.

De acordo com Oliveira (2003, p. 67), todo este momento “não significou melhoria nas condições de vida existentes, [...] ao contrário, muitas vezes criou formas de relação que excluía antigos modos de vida”.

Cabe-nos enfatizar, que não somente às indústrias podemos conferir a condição do rompimento de velhos padrões de vida e expansão da malha urbana, mas também compreendemos que as demandas suscitadas pelo alto nível de migrações inter-regionais, propostas para atender as condições ocasionadas pelo amplo êxodo rural que acompanhou o país em seu processo de modificações no campo, são fatores que refletem consideravelmente o processo de transformação ocorrido em Manaus.

Assim sendo, ao pensarmos a realidade de Manaus, estes fatores que se articularam ou, necessariamente se relacionaram, produziram efeitos dos mais “dilacerantes” às condições da cidade, isto diante das contradições evidentes que nela se apresentavam.

### **3 DESENVOLVIMENTO**

A abordagem metodológica que orientou nossa pesquisa firmou-se, essencialmente, na análise qualitativa de dados. O levantamento de dados compreendeu a documentação indireta e para composição das análises empregou-se a técnica da análise de conteúdo.

#### **3.1 Campos de delimitação e procedimentos da abordagem investigativa**

A característica do nosso campo investigativo consistiu no que Ander-Egg (1978 *apud* MARCONI; LAKATOS, 1996, p. 27), destaca como “limite em respeito ao tempo e o lugar, correspondendo respectivamente ao quadro histórico e geográfico do estudo abordado.”

A delimitação espaço-temporal compreendida nesta pesquisa correspondeu a dois fatores. Em primeiro plano, às transformações que se fizeram visíveis no processo de urbanização de Manaus, necessariamente levando-se em conta o início da década de sessenta, que se destaca pela inserção da cidade ao modelo urbano-industrial, pela explosão demográfica, pelo redimensionamento da malha urbana. E num segundo momento, observou-se que muitas das fontes tinham como base a menção às décadas de 50, tratando em arrolar a expansão urbana ao contexto da relação cada vez mais hostil do louco com a cidade.

Para efeitos de abordagens, procuramos compreender a cidade de Manaus levando em conta os movimentos de crise e de ruptura que a acompanharam, buscando apreender as transformações urbanísticas e seus reflexos na relação do louco com a dinâmica da cidade.

Coube-nos reforçar tais aspectos enfatizando um breve histórico acerca da construção do atualmente denominado Centro Psiquiátrico Eduardo Ribeiro, uma vez que, enquanto instituição histórica, e ainda presente na realidade da cidade, carrega o movimento de produção desta, no sentido de acompanhar os balanços políticos que nela refletiram, a julgar, por exemplo, sua atuação àqueles que nela encontravam-se institucionalizados. Bem como ao

significado simbólico que este espaço representava, e representa, ao cenário urbano e seus demais sujeitos. Não obstante, atentou-se a questão do cotidiano como meio de perceber nesta esfera a relação entre o espaço e os atores envolvidos nesta dinâmica, cujo ao louco reflete em especial à sua popularidade e condição de imagem presente na cidade.

Todo este processo de condução da leitura não deixou de levar em consideração as fontes coletadas, na perspectivas de com elas dialogar, paralelizando o que a historiografia local nos disponibiliza acerca da construção da cidade, seus sujeitos e a relação entre ambos.

Dadas as circunstâncias, frearmos o nosso recorte à década de 70, representou também debruçarmos sobre um momento próximo a transformações ocorridas em âmbito nacional, ao que se indica especialmente o início dos rebatimentos do movimento de Reforma Psiquiátrica no Brasil. Para tanto, fora a partir desta conjuntura que se firmou a delimitação do nosso campo de investigação, e a condução das nossas leituras a fim de contemplar o que se objetiva.

### **3. 1. 2 Instrumental utilizados na pesquisa**

Os instrumentos utilizados para o desenvolvimento desta pesquisa basearam-se através da coleta do material bibliográfico e documental. Assinala-se, que uma das ferramentas essenciais no processo de coleta das fontes, compreendeu-se por meio da *web*.

No mundo tecnológico sem fronteiras, a mídia digital tem o seu espaço marcante, uma vez que todas as formas de interação humana vêm sendo (e serão cada vez mais) mediadas por aparelhos e processos da comunicação digital (SQUIRRA *apud* BATISTA; COSTA, 2009, p. 2).

Assim compreendida, dá-se ressalva a um espaço em especial – os blogs, cujos aspectos responderam à nossa necessidade e fizeram-se adequados à nossa abordagem. Batista (2009, p. 4) ressalta que “a maioria dos usuários da Internet tem utilizado os blogs como diários pessoais [...], esta ferramenta colaborativa mostra-se, atualmente, capaz de atender às diferentes necessidades de informação, entre elas as acadêmicas.

Nesta perspectiva a autora completa,

“os blogs são um dos meios colaborativos mais conhecidos e utilizados na Internet para publicação pessoal, uma vez que permitem que milhões de pessoas escrevam e compartilhem suas experiências de forma coletiva. (BATISTA; COSTA, 2009, p. 4)

Enfatizamos sua importância, pois não somente suas informações nos permitiram partir na busca do material mais denso como também, aproveitamos dela para análise de um dado em particular, no sentido, em que os “depoimentos” do qual utilizamos para análise respeitaram a uma página da *web* em especial.<sup>9</sup>

Conforme ressaltado o impulso, de certo modo, inicial partiu do que a *web* nos disponibilizou. Ainda assim, para composição do nosso quadro de dados, o estruturamos no plano da pesquisa documental, sendo os documentos dispostos entre fontes primárias e secundárias. Abrangendo o primeiro dados históricos, documentação pessoal (memórias, autobiografias) e o segundo, imprensa em geral e obras literárias (MARCONI, LAKATOS, 1996, p. 24).

As diferenças acerca deste procedimento foram melhor compreendidas com base nas distinções que Gil (2008 *apud* SANTOS, 2008) nos destaca.

A pesquisa documental guarda estreitas semelhanças com a pesquisa bibliográfica. A principal diferença entre as duas é a natureza das fontes: na pesquisa bibliográfica os assuntos abordados recebem contribuições de diversos autores; na pesquisa documental, os materiais utilizados geralmente não receberam ainda um tratamento analítico (por exemplo, documentos conservados em arquivos de órgãos públicos e privados: cartas pessoais, fotografias, filmes, gravações, diários, memorandos, ofícios, atas de reunião, boletins etc.).

Ao compreendermos tais diferenças, convêm-nos estabelecer algumas definições acerca do que se compreendeu sobre “documento” e suas respectivas derivações, a fim de especificar a exploração da coleta de dados aqui empregada.

---

<sup>9</sup> O referido dado consistia numa espécie de pergunta provocativa em que tal abordagem estimulava a descrição de “relatos de experiências”, enfatizando lembranças sobre loucos de rua da cidade de Manaus,<sup>9</sup> sendo elaborada e levantada pelo autor da fonte em questão.

De acordo com Sá-Silva *et al* (2009, p. 6), o documento pode ser compreendido como qualquer objeto que comprove, elucide, prove ou registre um fato, acontecimento. Phillips (1984 *apud* SÁ-SILVA *et al*, 2009, p. 6), reforçamos este aspecto ao enfatizar que “quaisquer materiais escritos que possam ser usados como fonte de informação sobre o comportamento humano”, adéquam-se ao conceito de documento.

Sinalizamos esta discussão, pois a utilização de fontes literárias, ou seja, as crônicas jornalísticas literárias, poema, as narrativas literárias, completaram a nossa base de dados na medida em que apresentavam como elementos significantes ao que se procurava apreender sobre a cidade e seus loucos.

Bardin (2010, p. 36) destaca a utilização da literatura como elemento passível de análise documental. Silva, G. (2006, p. 5) enfatiza a transposição da literatura como fonte documental, dada sua característica em referenciar, por exemplo, elementos históricos, podendo neste contexto, ser ampliada a noção de fonte documental.

Em meio à coleta de dados, a produção audiovisual também suscitou destaque em nossa pesquisa. Em artigo recente, Borges *et al* (2011, p. 10) destaca que a importância audiovisual “se mostrou bastante apropriada para reconstituição histórica [...] nos servindo como documento histórico de grande valor”. Neste sentido, denotando a intenção dos autores em recompor a cidade a partir da memória, este material nos permitiu percebê-la a partir dos traços que se recuperavam em expressar o cenário da antiga Manaus, tendo como foco personagens outrora tão presentes vida cotidiana.

Ao que toca nossas evidências, a relevâncias dos dados se reforçavam ao que se revelava. Frente aos discursos que se entrecruzavam, isto é, os discursos jornalísticos, literários, autônomos,<sup>10</sup> documentais, engendravam-se o enquadramento do que se produzia

---

<sup>10</sup> Discursos independentes. Reflete uma visão de mundo determinada e engloba o sujeito que evoca.

sobre o louco na cidade de Manaus e o que se produz na medida em que nele, se remontam lembranças, experiências.

### **3. 1. 3 Procedimentos de análise**

Para compreensão do nosso campo teórico esta pesquisa fundamentou-se nas interpretações foucaultianas, que partem do reconhecimento da estreita relação de poder que acompanham o jogo de enunciados e discursos que envolvem o nosso objeto.

Nesta perspectiva, empregou-se o método de abordagem qualitativa de dados por compreendermos a natureza da pesquisa relacionada em apreender a expressão dos conteúdos disposto nas evidências. Trabalhou-se na significação do material no sentido de apreendermos dimensões históricas, sociais, culturais, neles presentes.

No processo de análise dos dados aplicamos a técnica da análise de conteúdo que de acordo com Bardin (2010) é entendida,

como um conjunto de técnicas de análise das comunicações, visando obter, através de procedimentos sistemáticos e objetivos, de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam inferir conhecimentos relativos às condições de produção e recepção dessas mensagens.

Conforme orientação de Bardin (2010), a seleção do material atentou num primeiro momento para palavras-chaves que, em específico, incidiram na frequência da presença de nomes, traços ou características a serem levadas em consideração. Esta etapa compreendeu em selecionarmos todo tipo de documentos que fizessem referência à figura do louco. Precisamente, Bardin denomina esta etapa como seleção da “unidade de registro”, isto é, respeita “a unidade de significação a codificar e corresponde ao segmento de conteúdo a considerar como unidade de base, visando à categorização e a contagem frequencial (2010, p, 130).

Das categorias propostas por Bardin, optamos em atentar a duas que correspondem a de palavras e de gênero. O primeiro levou em consideração a maior presença de adjetivos destacados no conteúdo dos dados e o segundo comportou uma condição mais ampla, a ser especificada pela utilização da mídia audiovisual.

A partir destes procedimentos, os recortes selecionados atenderam em nos fornecer um conjunto de palavras, referências temporais e espaciais, como medidas de corresponder à atenção empregada na seleção dos dados. Em respeito à organização dos recortes, estes foram tabelados, porém não fragmentados, pois o intuito era dialogarmos com as fontes sem eximilas, como medida de articularmos referenciais para composição da proposta que nos dispomos, isto é, trazer à memória, as pequenas e obscuras histórias desses homens e mulheres esquecidos pela grande história, como forma de resgatar a importância do papel destes *personagens anônimos* que marcaram o itinerário urbano de Manaus.



#### **4 Percepções acerca do louco de rua**

Manaus das décadas de 50 a 70, em meio a suas crises e rupturas, abriga em seu contexto condições que refletem o modo de como a cidade vive e convive com a imagem daquilo que ao mesmo tempo em que faz parte dela e compõe seu cenário urbano, revela-se estranho a ela. Isto é, condições que refletem uma espécie de construção e valorização da imagem do louco, que se moldam dentre práticas caracterizadas por valores comunitários densos, e, que não fogem à presença nem da prática nem do discurso psiquiátrico inserido no contexto modernizador em que a cidade se desenvolve.

A relação que a cidade produz cujas características abrigam a possibilidade de aproximação entre seus variados sujeitos, nos leva a pensar na certa “relação de necessidade” que emerge da interação direta ou indireta entre estes ocasionada pela condição do espaço urbano se alicerçar entre as diferentes relações sociais que nele se apresentam. Porém não deixamos de observar que entre a institucionalização do louco e a efetivação desta prática, uma vez inserida na configuração da cidade, constituíram-se dimensões que se percebem condicionantes no cerne desta necessidade.

Certamente, esta última reflexão indicada direciona nossa discussão em outro ângulo, entretanto, não o deixamos de salientar, pois na estreita relação que se tem nas transformações do espaço urbano de Manaus este traço vê-se atrelado como fator condicionante ao que envolve a presença do louco na e para cidade.

Ao caráter do que a produção urbana estabelece em sua estratégia de divisão dos espaços, conforme estratificação das classes sociais, habitantes, é bem interessante evidenciar que a figura do louco não compete ao que se estratifica, ou seja, o louco é personagem da realidade da cidade e não se limita a definição da imposição dos espaços.

Esse movimento que se apresenta como característica peculiar do louco pode ser melhor evidenciado ao que se observa nos recortes:

“A famosa louca que andava solta, nua ou enfeitada, pelas ruas da cidade” (ALLAN, 2007, p. 30)

“Os loucos, alguns de famílias tradicionais, circulavam livremente pelas ruas da capital amazonense” (FREIRE, 2010)

“Carmen perambulava por toda a cidade, sempre que conseguia escapar do manicômio do bairro de Flores” (ARRUDA, 2006)

“A Carmem andava pelas ruas e aos gritos da molecada” (CORRÊA, S, 2006)

“Impossível esquecer o Antonio Doido que perambulava pelas ruas da Cachoeirinha e também na Praça São Sebastião.” (AMORIN, 2006)

Ao mesmo tempo em que a itinerância do louco é frisada, a maneira de percebê-lo e reconhecê-lo não deixam de destacar essa condição de “liberdade” que a ele acaba por ser admitida, já que se encontra distante da instituição psiquiátrica e pode externalizar sua loucura. Evoca-se a importância das ruas para o louco mesclando o significado de sua presença ao que se compreende sobre sua loucura.

Assim também, sua condição de “libertado” faz-se visível frente à possibilidade que adquire de poder relacionar-se, em certa medida, com os demais moradores. Diante do que nos ressalta Oliveira em compreender que “o cotidiano [...] não se restringe ao econômico, mas se refere às relações sociais entre os indivíduos, entre estes e o grupo e deste com a sociedade que só se desenvolve tendo o espaço como meio e condição” (2003, p. 138-139), o sentido do louco para a cidade se incorpora pela maneira de como os sentimentos de afeição ou até mesmo de rejeição podem ser produzidos mediante sua presença aos demais moradores e aos itinerários da cidade.

Essa sociabilidade entre loucos e não-loucos engloba elementos que se expressam na própria caracterização do louco, tendo em vista os sentimentos que produz no seio de determinado espaço e outro que se apóia na forma estrutural da cidade. É o que podemos perceber diante do que dela se descreve.

“Antes da explosão demográfica da cidade de Manaus, a grande maioria dos habitantes se conhecia (saudades da nossa Manaus antiga!); os considerados

mais folclóricos ou “*figuras*” eram bastantes populares por todos os moradores, existiam muitos [...]” (ROCHA, 2009)

Neste contexto, a forma da cidade também se destaca como manipulador desta relação que se dispõe no espaço urbano. Nota-se que o que nela se reflete reforça um “antes” que abria a possibilidade de aproximação e relacionamento entre os moradores da cidade e o “depois” que nos parece distanciar essas mesmas aproximações. Assim também, reconhecer essa notável popularidade destes personagens destaca-se como algo inquestionável, na medida em que seus perfis são traçados, e, as delimitações sujeito à imagem vão se compondo.

[...] Ninguém menos do que Bombalá. Figura da nossa infância. Era ele quem de manhã cedinho acompanhava e "regia" a banda da Polícia Militar [...]. (CASADO, 2010)

[...] Era uma mulher alta, magra, morena, olhos espremidos, dos quais saíam ou faíscas de ódio ou uma triste cinza orvalhada. Gostava de dançar na rua, sozinha, infensa à curiosidade dos transeuntes! Tinha a boca ligeira. Carmem Doida! [...] (MELLO, 1984)

[...] Tom Mix, ou o Xerife; Era um homem de idade avançada e transparecia bem em seu semblante as marcas da vida, seu rosto era fino e cheio de rugas. Perambulava pelas ruas do centro fechando as portas das casas e advertindo seus moradores sobre possíveis roubos, pois era difícil de prender os ladrões. [...]. (MONTE, 2006)

[...] A mania de Macaxeira, [...] era organizar a trafegabilidade das vias. Ele era mais que um guarda, era o guardião do trânsito, capaz de identificar os pontos de engarrafamento e de agilizar o fluxo de veículos [...] (FREIRE, 2010)

Antonio Doido [...] Ele não parava de sorrir e fazia uma "aeróbica" murmurando uma canção com as pernas em V, em movimento compassado pra-frente-para-trás. Quando cansava se auto-aplaudava. Não incomodava ninguém. Era alimentado pelas pessoas. [...] (AMORIN, 2006)

[...] Havia uma das nossas loucas de rua de nome "Gaivota"; alta e magra, vestida com roupas surradas e encardidas, cabelos em desalinho, ela vivia a subir e descer a Avenida Getúlio Vargas acompanhada de dezenas de cachorros. (Fonte: Rogério Casado – O delegado do diabo e a gaivota) (CASADO, 2006)

Escondidos detrás das árvores, gritavam: - “Guilherme Doido! O seu Urbano vai te levar pro Hospício”. [...] ele se enfurecia. Jogava pedras, gritava palavrões e corria detrás da molecada. (FREIRE, 2006)

Convertidos em figura pública, ele relaciona-se com as mais diversas pessoas da comunidade, nelas despertando uma série de sentimentos variados e provocando a sua imaginação (FERRAZ, 2000, p. 116). A maneira de denominá-lo, a linguagem, a comunicabilidade, e os demais atributos que a ele se direciona completam o sentido da construção do cotidiano. Ademais, “a linguagem usada na vida cotidiana fornece-me continuamente a necessárias objetivações e determina a ordem em que estas adquirem sentido e na qual a vida cotidiana ganha significado [...]” (BERGER, LUCKMANN, 1985, p. 38).

Frente ao que nossa sociedade determina como loucura, e em consequência o louco, estes elementos adquirem sentido e reforçam os mecanismos que se entrecruzam em reafirmar a razão. Deste modo, quem descreve e percebe a cidade e seus atores, comporta o jogo de elementos simbólicos e afetivos, como se pode observar nos dados, quanto os costumes, hábitos e atitudes cuja cidade dá significativa materialidade à sua dinâmica. Carmen Doida, Bombalá, Antônio Doido, Gaivota, Nega Maluca, nomes ou denominações, somados a adjetivos, simbolizam o discurso sobre o diferente, sobre o louco das ruas da cidade de Manaus.

#### **4.1 Uma abordagem através da memória**

A lembrança sobre os loucos das ruas de Manaus expressam certo saudosismo tanto em citar personagens tão comuns e marcantes da e na cidade, como em observar uma dinâmica que não mais se admite, frente ao alavancado processo de urbanização e transformação que esta sofre.

Estes personagens do itinerário urbano que, justamente pelo seu modo errante pelas ruas da cidade se deixam fixar, sejam na experiência vivida ou lembrada também, podem se tornar uma lembrança que carrega as próprias características da cidade, isto é, o

reconhecimento desse constante nivelamento de tolerância que acompanha a presença do louco na cidade.

Guardo comigo uma única lembrança de Carmem doida, uma lembrança dolorosamente nítida, que encheu-me de terror nos meus tempos de criança. [...] Carmem doida costumava vir muito ao nosso bairro; especialmente a nossa rua, pois, muitas vezes ia à casa de G. C. onde sua esposa, sempre a sua revelia, lhe preparava um prato de comida. [...] Um dia, para desprazer de todos o velho G., chegou [...] quando ninguém o esperava, [...] sem dó nem piedade, bateu em Carmem Doida com as próprias mãos, aplicando-lhe socos e pontapés. Era tamanha a sua fúria, que ninguém ousou defender a pobre louca e impressionou-me tanto, que eu nunca mais a esqueci. [...]. (ALLAN, 2007, p. 30)

A imagem do louco pode assim marcar não somente pela sua peculiaridade, mas também pelos atributos que à sua imagem estão vinculados. Associá-lo à aspereza da rua, de seus moradores, das condições inesperadas do cotidiano, compõem-se como uma das características de resistência de sua imagem na memória, e, na própria condição de quem o recorda em registrar e evidenciar estas expressões reais.

Neste sentido, a característica tão íntima da memória popular, ou “vozes do povo”, como define Foucault (2004 *apud* MISZTAL, 2005, p. 78), em preservar vozes do passado, que de uma forma total são tidas como anônimas na história local, são assim presentes nos vários contextos da vida social.

As fontes documentais carregam esse “poder” de evidenciar experiências e lembranças acerca de trajetórias de vidas, que em parte, concentraram-se nos registros da instituição psiquiátrica local.

A maneira saudosa e por vezes poética de lembrar os loucos da cidade reflete, em sua medida, não somente este saudosismo de relembrar a cidade em meio às suas contradições, mas também o modo de reconhecer imagens, personagens, figuras populares, que à sua maneira, fizeram bastante sentido naquele espaço e tempo, tendo em vista o modo de como afloravam o imaginário popular.

Com efeito, na medida em que se admite a certeza do que se reconhece como loucura, não se deixa de reconhecer esta posição de popularidade que ao louco confere. Tal como se destaca: “Ainda que às avessas, ela foi uma verdadeira celebridade na Manaus das décadas de 50 e 60, apesar da sua doença mental, ou melhor, exatamente graças a ela” (ARRUDA, 2006). Ao que se observa, na medida em que se justifica sua patologia, se justifica o porquê de sua lembrança; sua marca na memória da cidade.

Estes registros que “reconstroem” ou “resgatam” evidência destas existências, característica da qual nos ressalta Foucault (1996, p. 126, tradução nossa),

[...] vidas que são como se não tivessem existido, vidas que não sobrevivem senão do choque com o poder que mais não quis que aniquilá-las, ou pelo menos apagá-las, vidas que retornam por efeitos de múltiplos acasos [...]

Reconstituem a memória da cidade vista por um ângulo em que seus construtores resistem, mesmo que nos espaços mais obscuros, como participantes dessa história local.

Tais famas que não correspondem em nenhum tipo de glória ou intervenção em algum acontecimento marcante ou apreciável, é um valor que se adquire nesse contexto de rebatimentos do poder, isto é, nessa relação do discurso cotidiano e nessa interação de saber-poder, cuja ciência médica consiste em defini-los.

Nesta perspectiva, em que se sinalizam homens e mulheres infames, ao sentido que Foucault lhes atribui “homens e mulheres insignificantes, obscuros e simples” (*apud* DELEUZE, 1988, p. 103) que conflitam com o poder, e, “se tornam notórios por via das poucas palavras terríveis que estavam destinadas a torná-los indignos, na memória dos homens” (FOUCAULT, 1996, p. 127), que a possibilidade da persistência destes sujeitos na memória suportou a possibilidade de ser apreendida.

Nesta perspectiva, os elementos que se vêem presentes no discurso sobre o louco, no discurso da institucionalização da loucura, no jogo dos enunciados que vinculam lembranças,

e experiências de vida, refletem e afirmam a presença do louco na cidade e a relação destes com as características que lhes indicam – sua presença/ausência na vida da e na cidade.

A imagem do louco não se encerra no rotineiro se espalha pelo imaginário social. É neste sentido, que a memória na medida em que recorda estas imagens, abriga características para poder concentrar estes personagens como participantes da construção da história local.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

À pretexto de avivar rastros de vidas que a seu modo e maneira completaram o sentido da cidade, a fim de tornar visível uma discussão acerca da representação da loucura em Manaus, condição esta apoiada a partir da visão sobre o louco, esta pesquisa destacou como questão especial considerar a característica da relação do louco com a cidade, sua vivência nela e com seus demais habitantes, refletida através das qualidades engendradas na própria dinâmica da cidade.

Na medida em que os demais moradores carregam a experiência ou a lembrança de compartilhamento do espaço urbano com personagens marcantes da antiga Manaus, expressão notadamente elevada pelas manifestações da vida cotidiana, emerge neste contexto o rebatimento da relação de inclusão/exclusão anunciada no discurso sobre a loucura. Ao mesmo tempo em que o louco é excluído, sua inclusão por meio de sua não-institucionalização reforça sua participação na configuração da esfera social.

O que se expressa sobre a loucura em Manaus e tem como destaque as décadas entre 50 e 70 simbolizam, em certa medida, não uma exaltação sobre o louco, mas sim um impulso instigante à nossa percepção a respeito de um aspecto que se vê latente em nossa sociedade.

No desenrolar da pesquisa, os momentos de ida a campo para coleta do material em instituições públicas do Estado, demonstraram-se um dos mais exaustivos não somente pela característica das fontes, como também pela dificuldade no encontro das mesmas.

Havíamos proposto recorrer às fontes jornalísticas, pois a imprensa grafada das décadas entre 50 e 70, representava o meio de maior articulação entre a população e o Estado, tal como pudemos observar em “O jornal”<sup>11</sup>, periódico do qual tivemos maior acesso e que, por sua vez, veiculava notícias mais expressivas sobre as camadas populares, suas manifestações, satisfações, dentre outras expressões do cotidiano mencionado ao caso.

---

<sup>11</sup> “O jornal” periódico veiculado entre as décadas de 50 até 80 em Manaus.



Todavia, este momento demonstrou-se um dos mais exaustivos a julgar tanto pela leitura do material, levando em conta o tempo de pesquisa a ser considerado, quanto pelo seu manuseio, devido ao seu estado de conservação.

Outras fontes como as das bibliotecas públicas da Secretaria de Saúde (SUSAM) e do Centro Psiquiátrico Eduardo Ribeiro (CPER), destacaram-se como uma das mais reduzidas em seu caráter documental. Este dado se apresentou como um dos mais gritantes, ao pensarmos na dispersão dos arquivos ou registros que se trata em identificar esta dimensão real da cidade, o que nos parece equivaler a um momento ou contexto que pretende ser sempre apagado pela historicidade local.

É assim evidente que estes traços da historiografia regional tão pouco comentados ou questionados, só puderam ser entendidos a partir da articulação entre diferentes fontes e do acato de variados recursos, a fim de por meio destes mecanismos, traçarmos um diálogo acerca do tema tratado.

Se a não preservação destes materiais é comportada para fortalecer o esquecimento de elementos participantes da construção histórica da cidade, a produção de uma memória que se apóia em uma dimensão mais popular e que se reforça pelo imaginário de seus atores locais foi a base de resistência para dialogarmos acerca destes *infames* da história local.

Acreditamos que a disponibilização do produto resultante desta pesquisa ao âmbito acadêmico, meios comunitários, dentre outros, venha contribuir para maiores discussões sobre o tema e, por conseguinte, à reflexão sobre o papel do louco em nossa atual sociedade.

## REFERÊNCIAS

- ALLAN, Virgínia. *Bairro de São Geraldo uma história em duas conjunções: passado e presente*. Edições: Governo do Estado, 2007
- AMORIM, Humberto. *Depoimento de Humberto Amorim*. In: Picica, 2006. Acesso em: <[www.picica.com.br](http://www.picica.com.br)>. Acesso em: 14 de set. de 2010
- ARRUDA, Moisés. *Carmen Doida é a mãe!*. In: Disponível em: <[http://amazonasinsampa.blogspot.com/2006/11/carmen-doida-me\\_03.html](http://amazonasinsampa.blogspot.com/2006/11/carmen-doida-me_03.html)>. Acesso em: 2006
- BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. Tradução de Luís A. Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa/Portugal: Edições 70, Ltda, 2010
- BATISTA, Ana Lúcia de Medeiros; COSTA, Antônio Marcos Nogueira. *A ferramenta blog no processo de produção científica: uma experiência positiva*, 2009. Disponível em: <<http://docs.google.com/>>. Acesso em: 23 de junho de 2011
- BESSA, Elisa. *Doida é a mãe*. 14 min. AM, 2008
- BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade*. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1985
- BORELLI, Silvia Helena S. *Memória e temporalidade: diálogo entre Walter Benjamin e Henri Bergson*. Revista Margem. São Paulo, n. 1, p. 79-90, mar. 1992
- BORGES, Valteniza Damião; BRANCO, Ramachandra Das dos Santos; GONÇALVES, Marlene. *O Audiovisual como Documento Histórico: Registro da Memória do Instituto de Educação da Universidade Federal de Mato Grosso*. In: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Cuiabá: MT, 2011
- BOSSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembrança de velhos*. 3 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994
- CANGUILHEM, Georges. *O normal e patológico*. Tradução de Maria Thereza Barrocas. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006
- CASADO, Rogelio. *Os loucos de rua da minha cidade*. In: Picica, 2006. Disponível em: <<http://portalamazonia.globo.com/pscript/artigos/>>. Acesso em: 4 de dez. de 2010
- \_\_\_\_\_. *Ribamar Bessa e os loucos da cidade de Manaus*. In: Picica – “em Baú Velho”, 2009. Disponível em: <<http://rogelocasado.blogspot.com/2010/02/ribamar-bessa-e-os-loucos-da-cidade-de.html>>. Acesso em: 4 de dez. de 2010
- \_\_\_\_\_. *O Delegado do Diabo e a Gaivota*. In: Picica, 2006. Disponível em: <<http://rogelocasado.blogspot.com/2006/06/o-delegado-do-diabo-e-gaivota.html>>. Acesso em: 4 de dez. de 2010

\_\_\_\_\_. *Pela substituição do Hospital Psiquiátrico por um Hospital de Clínicas (I)*. In: Picica, 2009. Disponível em: <<http://picica.net/?p=917>>. Acesso em: 26 de jan. de 2011

CERTEAU, Michel. *A Invenção do Cotidiano: 1. Artes de Fazer*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2000

CHAVES, Lilian Leite. *Percepção estética na definição de determinada experiência de loucura: o caso dos loucos de rua de ouro preto – MG*. 2009.

CORRÊA, Serafim. *Depoimento do Prefeito Serafim Corrêa*. In: Picica - blog do Rogério Casado, 2006. Disponível em: <[www.picica.com.br](http://www.picica.com.br)>. Acesso em: 4 de set. de 2010

DELEUZE, Gilles. Foucault. São Paulo: Brasiliense, 1988.

DIAS, Edinea Mascarenhas. *A ilusão do Fausto*. 2. ed. Manaus: Valer, 2007. 165 p.

ECKERT; ROCHA. Cornélia; Ana Luiza Carvalho. *Premissas para o estudo da memória coletiva no mundo urbano contemporâneo sob a óptica dos itinerários de grupos urbanos e suas formas de sociabilidade*. Vol. 2. No. 4, 1991

FERRAZ, Flávio Carvalho. *Andarilhos da imaginação: um estudo sobre os loucos de rua*. São Paulo: Casa do psicólogo, 2000

FRAYZE-PEREIRA, João. *O que é Loucura*. São Paulo: Brasiliense, 2005.

FREIRE, José Ribamar Bessa. BOMBALÁ E OS LOUCOS FOLIÕES. 14/02/2010 - Diário do Amazonas

TAQUI PRA TI (Retirado do site)

FREIRE. José Ribamar Bessa. Em: Bombalá e os loucos foliões. <<http://www.taquiprati.com.br>>

FREIRE, José Ribamar Bessa. Bonitão, o matemático. Diário do Amazonas, Manaus, 02 jul. 2006, Coluna Taqui Pra Ti. Disponível em: < <http://www.taquiprati.com.br>>. Acesso em julho 2010

FREIRE, José Ribamar Bessa. *Taqui pra ti*. In: *A fábrica de loucos - enviado de freiburg, Alemanha*, 1995. Disponível em: < <http://www.taquiprati.com.br/cronica.php?ident=466>>. Acesso em: 4 de dez. de 2010.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. 7. ed. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009. 236 p.

\_\_\_\_\_. *História da Loucura: na Idade Clássica*. São Paulo: Perspectiva, 2005.

\_\_\_\_\_. *Microfísica do Poder*. 22. ed. Tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2006

\_\_\_\_\_. Los anormales. 1. Ed. Tradução de Horacio Pons. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2007

\_\_\_\_\_. La vida de los hombres infames. Tradução de Julia Varela. Argentina: Altamira. 1996

GALVÃO, Manoel [et all]. Revista da Universidade do Amazonas. Jan./Dez. 1997/1998

GALVÃO, Manuel Dias. A história da medicina em Manaus. Manaus: Valer, 2003. 295 p.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice. 1990

LAPLANTINE, François; TRINDADE, Liana. O que é imaginário? São Paulo: Brasiliense, 1997

LECHTE, John. 50 Pensadores Contemporâneos Essenciais. Tradução de Maria Luisa R. Tapia. Madrid: Cátedra, 1996

LEFEBVRE, Henri. *A revolução urbana*. Belo Horizonte: UFMG, 1999

LYNCH, K. *A Imagem da Cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MELLO, Thiago de. Manaus, amor e memória. Rio de Janeiro: Philobiblion, 1984

MONTE, Paulo. NAS RUAS DA MINHA INFÂNCIA - PAULO MONTE. In: [BLOGDOROCHA](http://jmartinsrocha.blogspot.com/2008/09/nas-ruas-da-minha-infncia-paulo-monte.html) <<http://jmartinsrocha.blogspot.com/2008/09/nas-ruas-da-minha-infncia-paulo-monte.html>>

MISZTAL, Barbara. *The sacralization of memory*. In:

\_\_\_\_\_. Theories of social remembering. 1. ed. Philadelphia: Open University Press, 2004

NASCIMENTO, Ivan Viana do. Historia Da Mendicância Na Cidade De Manaus (1890-1950). Disponível em: <<http://alissoncastro.sites.uol.com.br/>> Acesso em:

NASCIMENTO, Ivan Viana do. História do Internamento Psiquiátrico na Cidade de Manaus (1890-1930). Disponível em: <<http://sites.uol.com.br/internamentopsiquiatrico>>, 1998

OLIVEIRA, José Aldemir de Oliveira. Manaus de 1920-1967. A cidade doce e dura em excesso. Manaus: Valer, 2003. 176 p.

PASSOS, Izabel Christina Friche; BEATO, Mônica Soares da Fonseca. Concepções e práticas sociais em torno da loucura: alcance e atualidade da história da loucura de Foucault para investigações etnográficas. *Psyché*, São Paulo, v. 7, n. 012, p. 137-158, dez. 2003

PERALTA, Elsa. Abordagens teóricas ao estudo da memória social: uma resenha crítica. *Arquivos da memória*. Lisboa, n. 2, 2007

ROCHA, José Martins. Figura de Manaus: lauro goiaba. 2009 Acesso: <http://jmartinsrocha.blogspot.com/2009/08/figura-de-manaus-lauro-goiaba.html>

SANTOS, Myrian S. dos. "O pesadelo da amnésia coletiva: um estudo sobre os conceitos de memória, tradição e traços do passado". *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, Anpocs, 23: 70-85. 1993

SILVA, Gilson Roberto. *Jornalismo e literatura: entre a memória e a história nas crônicas de Rachel de Queiroz*.

SILVA, Sidney Antônio da. *Práticas culturais urbanas: o caso das festas populares*. In: Universidade Federal do Amazonas. Programa de pós-graduação em Antropologia Social. Amazônia e outros temas: coleção de textos antropológicos. Manaus: EDUA, 2010

SILVA, Maristela Schittin. *A Fabricação da Loucura: Mulheres e os transtornos mentais narrados pelos prontuários médicos do Hospital psiquiátrico Eduardo Ribeiro de Manaus (1960-1969)*.

A NARRATIVA LITERÁRIA NA MÍDIA: uma discussão teórica sobre a narrativização nas reportagens da revista Brasileiros

